

# LIGAÇÕES TÁTICAS E TRANSPORTES NA GUERRA DO PARAGUAI

CORONEL NALOT

Breveté d'État Major — Membro da Missão  
Militar Francesa no Brasil, de 1935 a 1939

Tradução do Ten-Cel Cav (QEMA)

MANOEL LUTZ DA CUNHA MENEZES

O estudo da guerra do Paraguai mostra que foram necessários aos Aliados mais de cinco anos (12 Nov 864 — 1 Mar 870) para vencerem seu adversário, o ditador Francisco Solano Lopez.

Pode ser de estranhar que um país de menos de um milhão de habitantes e com uma superfície de 250.000 km<sup>2</sup> tenha podido resistir por tão longo tempo a uma coalizão que compreendia 11.500.000 km<sup>2</sup> com dez milhões de almas.

Os contemporâneos mais ou menos bem informados atribuíam a longa duração da guerra à insuficiência dos meios empregados, às dificuldades do terreno, coberto de florestas e lagoas, e sobretudo à deficiência do comando aliado.

Numa obra notável intitulada "História da guerra entre a tríplice aliança e o Paraguai", onde o autor se esforçou, antes de tudo, por guardar a serenidade de historiador imparcial, o Gen Augusto Tasso Fragoso fez ressaltar nitidamente as causas da lentidão e das hesitações constatadas e mostrou que era necessário procurá-las sobretudo na falta de preparação para essa guerra, que os Aliados não tinham querido empreender — o BRASIL menos que qualquer outro —, na ignorância total do país no qual penetraram após a transposição do Paraná, nos obstáculos do terreno reforçados pelos recursos da fortificação de campanha hábilmente explorados pelo inimigo, no valor do soldado paraguaio e nas dificuldades de suprimentos de toda a sorte, devidas à extensão de uma via de transportes única. O Comando aliado não está absolutamente em causa, como pensava o Conde d'Eu antes de assumir êle próprio o comando do exército brasileiro, e as operações da primeira guerra mundial provaram, em maior escala, que a vontade de vencer, a capacidade do Chefe e a bravura das tropas não são fatores suficientes para vencer rapidamente o inimigo.

Nós nos propomos aqui a ressaltar, num rápido resumo dessa campanha, a medida em que o problema das ligações táticas e dos trans-

portes influiu nos planos de operações e na sua execução, e mostrar também que a esse problema se deve em grande parte a longa duração dessa guerra.

O Império do Brasil tinha feito tudo por manter relações de amizade com o Paraguai. Desde 1824, tinha reconhecido a independência desse país. Não podendo a província de Mato Grosso comunicar-se com o mar senão através dos rios Paraguai e Paraná, tinha-se chegado, apesar da má vontade do ditador paraguaio Carlos Lopez, a regular amigavelmente, por tratados, a livre navegação nesses rios, em tôda a extensão dos dois estados.

Em seguida às desinteligências havidas com o Uruguai, e tendo o Brasil ocupado uma parte dêste país, a título de represália, o Paraguai que havia protestado contra esse ato e aprisionado um navio brasileiro que viajava para Mato Grosso, à sua passagem por Assunção, invadiu a parte sul dessa província, que dizia êle fazer parte integrante da República do Paraguai. Era a guerra.

A República Argentina, que perdoara difficilmente a recusa paraguaia a fazer parte das Províncias Unidas do Prata, quando as colônias espanholas proclamaram sua independência, tinha numerosas dificuldades nos seus negócios com o Paraguai, mas procurava guardar sempre a mais estrita neutralidade nas questões dos seus vizinhos. Foi esta a attitude que ela havia adotado na querela uruguaio-brasileira e que estava disposta a manter caso o ditador paraguaio Francisco Solano Lopez, sucessor de seu pai Carlos Lopez, lhe pedisse permissão para a passagem de suas tropas para invadir o Brasil. O Uruguai que sob a presidência de Berro e depois de Aguirre, sempre fizera causa comum com o Paraguai e incitara-o mesmo a fazer a guerra, passara-se para o lado do Brasil, desde que o Caudilho Flores, grande amigo da Argentina, subira ao poder, graças às represálias levadas a efeito pelo Império Brasileiro.

Os planos de campanha elaborados pelo Marechal Caxias, o Conselheiro Pimenta Bueno e o Almirante Tamandaré — antes da Argentina se pôr ao lado do Brasil — para uma invasão do Paraguai, em caso de agressão por parte do seu tirano, comportavam todos três, um ataque principal pelo sul, ao longo do rio Paraguai, com Humaitá e Assunção como objetivos, e um secundário, pelo norte, partindo de Mato Grosso. E como até esse momento, a Argentina ainda estava neutra, o Brasil não podia pretender passar através do seu território. Por outro lado, os planos previstos, levavam os exércitos brasileiros a atravessar a província de Corrientes e o território de Missões, antes de transpor o Paraná e penetrar no território paraguaio, pois o ataque direto, partindo do Brasil, só poderia desembocar de Mato Grosso ou do Paraná, províncias cujas ligações com a Capital eram tão longas e difíceis que implicariam no grande risco o fracasso total da campanha. Isto fica bem provado quando se analisa a ação secundária prevista por Mato Grosso: a operação se diluiu imediatamente, e terminou pela famosa retirada da Laguna, imortalizada pelo Visconde Taunay no seu belo livro. Como os brasileiros não violariam, certamente, a neutralidade argentina, po-

demos pensar que êles contariam que, pelas mesmas razões táticas e estratégicas, o ditador paraguaio não cometeria êsse êrro que levaria a Argentina a pôr-se contra êle, ao lado do Brasil.

No momento em que o Marechal Solano Lopez, desrespeitando a recusa da Argentina em dar passagem às suas tropas, ocupou a cidade de Corrientes, a Argentina e o Uruguai assinaram com o Brasil o tratado da Tríplice Aliança (1 Mai 865). Os aliados elaboraram imediatamente um plano de operações no qual o objetivo inicial era Humaitá, em razão da presença da via fluvial do Paraná e Paraguai que permitia uma cooperação permanente da esquadra brasileira com os exércitos aliados, e constituía ao mesmo tempo uma linha perfeita de comunicações e reabastecimento. Êle previa também uma ação secundária pelo território de Missões e por Candelária, mas esta não era senão uma falsa ameaça destinada a confundir o adversário. A ação pelo norte (Mato Grosso) era entregue aos brasileiros sôzinhos.

Ignora-se o plano de operações do ditador Lopez, comandante-em-chefe das forças paraguaias. Êle lançou contra os aliados duas colunas de tropas: uma ao longo do Uruguai (Estigarríbia), e outra ao longo do Paraná (Robles). Estas duas colunas encontrar-se-iam logo depois, isoladas uma da outra, e na impossibilidade de se apoiarem mutuamente e em tempo, em virtude da existência entre elas, da região quase intransponível da lagoa Iberá. Era, certamente, favorecer as ligações de cada coluna com a retaguarda, mas era também expô-las a uma manobra inimiga em posição central, manobra essa que o General Mitre, comandante-em-chefe aliado, não deixou de levar a têrmo.

Desde 25 de maio de 1865, portanto na fase de cobertura na província de Corrientes pelas forças argentinas, que o general Paunero, por meio de sua ação audaciosa sôbre a cidade de Corrientes, operando em ligação perfeita com a marinha brasileira, pela via fluvial do Paraná, obrigara a parar a progressão da coluna Robles, que já atingira o rio Santa Luzia, e a fizera refluir precipitadamente para o norte.

A 18 de julho o general Mitre, cujo grosso das forças estava reunido em Concórdia, decide atuar contra a coluna de Estigarríbia, que já atingira o Ibicuí. Dirige para o norte, sob as ordens do General Flores, um destacamento de exército, mil homens, que destruiu completamente a 7 de agôsto em Iataí, o destacamento do Major Duarte, flanco-guarda W de Estigarríbia, juntou-se às forças brasileiras do General Pôrto Alegre na outra margem do rio, e fêz capitular a coluna do Uruguai, em Uruguaiana, a 18 de setembro. A coluna do Paraná, que progredira novamente até ao rio Santa Luzia e apesar de só ter à sua frente insignificantes forças de cavalaria argentina, nada tinha feito para auxiliar a coluna do Uruguai e dificultar, por Mercedes, os movimentos de Flores. Iniciou a retirada para o Paraguai logo que soube da capitulação de Uruguaiana.

Esse desastre terrestre dos exércitos paraguaios tinha sido precedido de um outro não menos importante, sofrido pela frota dêsse país.

Desde o início das hostilidades, os dois adversários haviam compreendido a importância da via fluvial Paraná-Paraguai. A ação de Paunero havia mostrado a Lopez que o seu flanco direito se encontraria constantemente ameaçado pela presença da esquadra brasileira no rio. Por outro lado, os aliados tinham decidido manter suas forças fluviais mais ou menos à mesma altura que as terrestres, de forma a permitir às primeiras atuar em estreita coordenação com as segundas. Assim sendo, não é de admirar que a primeira batalha desta guerra fôsse uma batalha naval (Riachuelo) onde, com igualdade de efetivos, os brasileiros saíram vencedores. Daí por diante, senhores absolutos da via fluvial, os aliados possuíam uma importante linha de comunicações e abastecimento, que iria à artéria mestra de suas operações.

É interessante notar que depois da rendição de Uruguaiana, o grosso do exército aliado levou perto de 4 meses para se deslocar da região de Concórdia para a de Corrientes (cêrca de 500 km) apesar do inimigo nada ter feito para impedir a progressão para o norte. Parece portanto, como opina o Gen Tasso Fragoso, que a região de concentração devia ter sido fixada, não em Concórdia, mas noutro ponto qualquer nas proximidades de Góia ou Esquina, sôbre o Paraná, donde o grosso teria de percorrer um máximo de 300 km para chegar a Corrientes, e onde poderia beneficiar-se da presença da esquadra; não sômente para assegurar o suprimento de tôda sorte, como também o transporte de uma grande parte da tropa no momento da perseguição. Ter-se-ia evitado o considerável atraso no deslocamento do exército aliado para a base de partida de invasão do Paraguai, e talvez podido dificultar seriamente, ao inimigo, a transposição do Paraná.

E agora trata-se de abordar o território inimigo. É preciso, inicialmente, transpor o Paraná em presença do inimigo, e foram as facilidades de desembarque, devidas ao apoio de fogo da esquadra; assim como a ligação permanente dela com as tropas, e a progressão ulterior, que ditaram a Mitre a solução a adotar. Vistos êstes fatores, Itaipu parecia a zona de desembarque mais favorável, apesar da existência do forte e da proximidade do campo inimigo do Passo da Pátria. Mitre preferiu a região de Itati, que lhe permitiria contornar as defesas inimigas do Passo da Pátria e de Humaitá e retomar mais rapidamente o contato com a esquadra ao norte da fortaleza. Finalmente decidiu-se pela embocadura do Paraguai no Paraná, o que trouxe, pelo menos, a vantagem de surpreender completamente o adversário, por ter sido tomada essa decisão no último momento. Mas as dificuldades do terreno (rios, lagoas e florestas) em partes imprevisíveis, iriam representar para os aliados, obstáculos quase intransponíveis e que iriam balizar as vitórias improdativas de Estero Bellaco (2 Mai 866), Tuiuti (24 Mai) e Curuzu (3 Set) e a grave derrota de Curupaiti (22 Set).

Se Mitre tivesse conhecimento do terreno e houvesse desembarcado em Itati, teria evitado todos êsses obstáculos e se apresentado no flanco de Humaitá muito mais cedo do que conseguiu (fim de Jul de 867).

Foram-lhe precisos 15 meses para atingir essa região, a única que lhe permitia em boas condições a investida contra Humaitá, e a sua conquista. Esta operação, por si mesma, exigiu o concurso da esquadra, que a assegurou brilhantemente, forçando as passagens de Curupaiti (15 Out) e Humaitá (19 Fev), o que permitiu a retomada do contato entre ela e as forças terrestres em Taiti e a investida destas últimas contra Humaitá pelo Chaco (2 Mai 868). Infelizmente a resistência do inimigo, as dificuldades do terreno, aumentadas pela fortificação, e a necessidade da espera dos novos monitores imprescindíveis ao forçamento da passagem de Humaitá, aumentaram a delonga desses movimentos e permitiram a Lopez evacuar a tempo a fortaleza. Com o grosso das suas tropas, foi ocupar nova posição atrás do Rio Piquisiri. Caxias, que havia substituído Mitre a 9 Fev 867, entrou em Humaitá a 25 Jul 863.

A marcha dos exércitos aliados para o norte prosseguiu até o Rio Piquisiri, onde o inimigo se achava sólidamente entrincheirado, pois êle também não queria afastar-se do Rio Paraguai, que lhe assegurava o reabastecimento e a ligação com Assunção, apesar da frota brasileira controlar a navegação e dar caça sem descanso aos navios paraguaios que tinham escapado de Riachuelo.

É então que Caxias vai montar pelo rio e pelo Chaco a bela manobra que por si só chegaria a immortalizar o seu nome. Reconhecendo a impossibilidade de forçar de frente a resistência inimiga do Piquisiri, transpõe o Rio, marcha com o grosso de suas forças por uma estrada que se faz construir no Chaco, e torna a transpor o Paraguai em Villeta. Lidera um combate contra uma vanguarda do inimigo em Itororó, e vence logo depois um forte contingente das tropas inimigas com a brilhante vitória de Osório em Avaí. Finalmente ataca, pela retaguarda, o grosso de Lopez na posição do Piquisiri e o destrói completamente. Infelizmente o Marechal paraguaio consegue fugir através das florestas, com alguns Officiais do seu Estado-Maior.

Desde 1 Jan 869, Assunção se achava ocupada. A 18, Caxias, doente, deixa o Comando e retorna ao Rio de Janeiro. A campanha parecia terminada, mas Lopez reúne nôvo exército e vai estabelecer-se na Cordilheira de Altos. O Conde D'Eu, genro do Imperador, nomeado para substituir Caxias, assume o comando a 16 Abr 869. Como Lopez foi morto a 1 Mar 870, foi preciso portanto ainda um ano para abater definitivamente o tirano do Paraguai. Para um chefe jovem como o Conde d'Eu, que no Rio de Janeiro, nunca deixara de criticar a lentidão e as tentativas de acôrdo dos seus antecessores — que êle julgava, talvez de muito longe —, uma tal delonga deveria parecer exaustiva e sem razão. É que o exército aliado, agora quase reduzido somente às tropas brasileiras, era obrigado, a partir desse momento, a afastar-se da via fluvial, que tanto o havia auxiliado na sua ação. De início, a via férrea Assunção-Paraguai havia sem dúvida permitido ao Conde d'Eu organizar, ao longo do Rio Piraju, uma base de partida convenientemente ligada ao Paraguai. Mas a partir do momento em que a manobra sôbre a reta-

guarda do inimigo o levôu para longe dessa base, por Valenzuela, Peribebuí e Caacupê, as dificuldades de abastecimento começaram a fazer-se sentir e, daí por diante, acentuar-se-iam com o tempo.

A vitória de Campo Grande (16 Out 869) veio felizmente pôr fim não à guerra, mas ao exército paraguaio, destruído pela derrota e pela impossibilidade de reabastecer-se. A guerra continuou, pois não era feita à Nação e sim ao ditador, que era preciso agarrar vivo ou morto.

As operações, tendo por fim a captura do Marechal Lopez, submeteram a rude prova de energia e a perseverança do Conde d'Eu, não por razões de ordem tática, mas pelas dificuldades de abastecimento.

Vemos portanto, que a necessidade de assegurar aos exércitos da Tríplice Aliança, uma linha de comunicações segura, e de permitir a qualquer momento, uma íntima ligação dêles com a esquadra, obrigou os aliados a adotar como direção de ataque a via de acesso do Paraguai, digo, do Rio Paraguai, apesar dos inumeráveis obstáculos que ela apresentava e de ser aí que o inimigo os esperava.

Não nos espantemos, pois, se as primeiras operações importantes da campanha foram uma batalha naval, duas ações de forçamento de passagens no rio e a conquista duma sólida fortificação na sua margem, nem tampouco com os longos prazos para isso necessários.

A linha de comunicações definitivamente assegurada por estas operações preliminares tornou possível levar a térmo as magníficas e rápidas manobras do Piquisiri e da Cordilheira, que permitiram destruir o exército paraguaio.

Quando o inimigo já se encontrava totalmente batido, e foi preciso perseguir o ditador, nas florestas onde se escondera, foram ainda necessários seis meses, pois impunha-se mais uma vez o alongamento da única via pela qual podiam ser carregados os suprimentos.

A derrota e a morte de Francisco Solano Lopez pôs um térmo à ditadura sangrenta que êste tirano exercera sôbre o seu infeliz país. A vitória libertou por fim os aliados, e sobretudo o Brasil — que tinha feito um esforço total até ao fim — da carga terrivelmente pesada de uma longa guerra de mais de cinco anos, que êles não tinham querido e que lhes havia sido imposta. Permitiu ao país vencido retornar ao seu equilíbrio e à sua força, numa atmosfera de paz verdadeira e entrar enfim num longo periodo de liberdade. Permitiu à Argentina e ao Brasil o traçado das fronteiras que lhes era de direito, e assegurou definitivamente ao último, a livre navegação dos rios, que os ditadores paraguaios tanta má vontade tinham tido em conceder.

A questão das comunicações, que tinha ocupado um lugar de primeira importância na guerra da Tríplice Aliança, viu-se, como devia, alçada ao primeiro plano, no tratado de paz, e foi resolvida definitivamente, da melhor maneira, de acôrdo com os interêsses dos três.

(Tradução da "Revue Internationale D'Histoire Militaire").